

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.007

Sabado, 4 de Março de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talha — Lisboa — Telefone 5339-0

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 111 e 113

Apesar dos manejos repelentes dalguns lacaios da Companhia Carris, os grevistas deliberaram continuar com firmeza na sua nobilitante attitude.

CONTRA UM CRIME

Enquanto a imprensa burguesa mantém um silêncio suspeito ante a vergonhosa ameaça da pena de morte que o sr. Cunha Leal pretende — contra a vontade e tradição populares — impôr ao país, A BATALHA, verdadeira intérprete do sentimento de justiça, prossegue na sua campanha contra o mais repugnante crime destes últimos anos.

Com A BATALHA pulsa no mesmo sentimento de repulsa pela indigna attitude do sr. Cunha Leal, todo o povo português!

ABAIXO A PENA DE MORTE!

VIVA A LIBERDADE DE VIVER!

A GREVE NA GARRIS

O ARDIL DA COMPANHIA

A greve do pessoal entrou, por assim dizer, na sua fase mais aguda. Entrou na fase em que um simples descuido ou o receio de meia dúzia de grevistas é suficiente para decidir a questão em benefício duma companhia exploradora.

Há greves que se solucionam rapidamente e há outras que se prolongam por espaço de semanas e até de meses. Aquellas que se solucionam rapidamente, porque são menos penosas para os grevistas, quasi nem merecem referência especial.

Mas há as greves que se prolongam, em que os grevistas, dotados dum espirito de resistência admirável, sustentam a luta com perseverança, com carinho, resistindo à fome que não poucas vezes lhes invade os lares, mas resistem, resistem sempre, ainda que hajam de lançar mão da cozinha comum, só para não serem miseravelmente esmagados, mantendo sempre a mesma fé, a fé inquebrantável de quem deseja vencer.

E vencem! E triumpham! Não poucas vezes os patrões lançam mão do estratagemas de que se lembrou agora a Companhia Carris. E' no momento em que os patrões, verificando que os grevistas não estão na disposição de ceder, se utilizam daquelle último recurso. Quando os grevistas são perspicazes, quando conhecem a manha do «donos», mostram-lhe as armas de S. Francisco e prosseguem na luta em que corajosamente se lançaram. Demonstram assim um elevado grau de consciência e de vontade; demonstram o seu espirito de resistência e de decisão; demonstram conhecer bem qual é o fim que as empresas patronais desejam atingir. E, com effeito, que pretendeu a Companhia Carris com o seu convite, pago, na imprensa? Isto: enfraquecer os grevistas, aterrorizar e dividir os rebeldes lutadores.

A companhia por paga ou de graça, conseguiu que quasi toda a imprensa se collocasse contra a greve; conseguiu que o Estado — que não falta quem diga ser um órgão do equilibrio social, mas que, agora, como sempre, se collocou ao lado duma empresa particular contra uma classe escravizada, quando todos são cidadãos da mesma nacionalidade, ao abrigo da mesma lei — puzesse à sua disposição toda a força armada necessária e todos os militares e civis que pôde para que funcionassem com os carros, mais sujeitando-se mesmo à perda de material, só para que entre os grevistas se espalhasse o desânimo.

Ao cabo de 15 dias de esforços, tendo tido não

pequeno prejuizo, e não vendo possibilidade de fazer render os grevistas, não resistiu mais. Teve, então, o seguinte raciocínio: «eu não posso estar eternamente nesta situação embaraçosa; os acionistas querem garantido o seu dividendo e já antes do Carnaval se perdeu dinheiro; veio este, realismo o «corso», os bailes, e o prejuizo cresceu. Os carros que funcionam, só o podem fazer de dia; dos civis e dos militares poucos sabem trabalhar com eles convenientemente e, afinal, os grevistas, sempre serenos mas firmes, não se arreliam, não se nos entregam, não veem, como Madalenas arrependidas, rojar-se aos nossos pés para os esmagarmos. Pois bem: usaremos doutro ardil, protegidos pela atmosfera de terror criada pelo governo e pela imprensa. E' possível que entre os grevistas haja criaturas suficientemente tímidas, pusilânimes e cobardes, que não possuam o necessário espirito de resistência.

Dizemos que se abre nova inserção, que se admite pessoal novo, e aqueles, os que não tem tam arregaçada a noção da sua força, aquelles que supõem que, desde que saiam da companhia, logo morreão de fome; aqueles cuja ignorância não deixa observar que é a companhia que se encontra embaraçada e que se lembrou disto como duma armadilha — esses virão prressurosos até nós, espalhando o desânimo, a desmoralização entre os mais resistentes e dentro em pouco tempo ai toremos todo o pessoal a apresentar-se; e, então, aqui ficará atado de pés e mãos e amordaçado, escolheremos só o que nos convém, aquele menos consciente, o impôr-lhe hemos as nossas condições; reduz-se-lhe as regalias, aperta-se-lhe as malhas da opressão, e os que ficaram nunca mais poderão levantar cabeça, podendo a companhia de futuro escarnecer impunemente, porque depois os que ficaram nem sequer terão coragem para protestar.

Compreenderam os grevistas? Veem bem de frente a escuridão do abismo para onde os quer lançar a companhia?

Quais serão os cegos, os ignorantes, que não repararam na cobardia do gesto que praticam — entregando-se?

Repara a classe trabalhadora de Lisboa nesta obra de destruição, por parte duma das mais exploradoras companhias, do que de mais digno, nobre e elevado existe — a solidariedade moral?

Pois é necessário, é urgente destruir o ardil da companhia!

Ainda "A Semana de A BATALHA"

Táctica deplorável

Informa-nos da Arcada que uma comissão de operários dos fósforos foi instar junto do ministro das finanças pela apresentação, no parlamento, dum projecto de lei autorizando a companhia a aumentar um centavo no preço de cada caixa de fósforos amorios, afim de se melhorar a situação dos operários.

Semelhante attitude dos operários dos fósforos não pode passar sem a nossa reprobção. O papel dos operários é bem diferente. Nunca devem reclamar medidas que agravem os consumidores e favoreçam os patrões.

Os operários dos fósforos deviam ter-se limitado a fazer junto da Companhia as suas reclamações e prepararem-se para conseguir a sua realização. Mas reclamar junto do Estado, ou de quem quer que seja, qualquer beneficio para a Companhia é que não está certo, não é lógico. A Companhia que zela pelos seus interesses e com eles os operários nada tem que ver. Os interesses dos operários e os da companhia são antagonicos. Portanto a attitude dos operários dos fósforos revela uma má tactica, uma tactica deplorável.

Será conveniente que semelhantes deploráveis exemplos se não repitam.

Trabalhadores: A NOVELA VERME!

As manifestações de simpatia para com o órgão operário

Não cessam as manifestações de simpatia para com o órgão dos trabalhadores o o seu terceiro aniversário já passou há uns poucos de dias.

Damos hoje ainda nota de algumas saudações recebidas, não nos permitindo a absoluta falta de espaço publicar as ultimas listas de donativos, o que faremos amanhã.

Sindicato Unico Metalúrgico

Comissão Pró-A BATALHA.

Apela-se para os camaradas, que não tiraram quetes na semana transacta, para que o façam esta semana, encontrando-se na sede do Sindicato membros desta comissão, a fim de receberem os donativos.

—Que nenhum metalúrgico deixe de contribuir com o máximo das suas posses, para o nosso forte baluarte na imprensa!

Saudações individuais

Escreve-nos o camarada Abel R. Carvalho, da Figueira da Foz, saudando-o

A BATALHA pelo seu terceiro aniversário e enviando-lhe a quantia de \$750, produto duma quete tirada entre alguns camaradas.

Anibal Dantas escreve-nos saudando A BATALHA, enviando-nos \$400 produto duma quete e prometendo contribuir mensalmente para este jornal com a quantia de \$250.

José do Couto Soares e José Gonçalves Torres enviaram-nos as suas saudações entusiásticas.

António da Conceição Barulho, felicitou A BATALHA e enviou-nos \$200 para Munções.

Joaquim Correia de Barros, com as suas saudações entusiásticas enviou-nos \$250, prometendo inscrever-se com \$100 mensal.

Pedro Mendes Correia saudou-nos pela passagem do terceiro aniversário de A BATALHA.

O nosso prezado camarada Gonçalves Correia felicitou-nos pelo aniversário.

LITERATURA VERMELHA

A grandeza imaculada daquela alma pura! Encantado por tudo que era belo e grandioso, comovido perante todas as desgraças, tanto ria, maravilhado pela verve natural duma criança, como chorava, em calmo silencio, pelas torturas que afligiam os seus semelhantes.

Estranha psicologia a daquelle homem, a que uns, mais ignorantes, chamavam bandido, por motivo dos principios redentores que ousadamente apregoava, e a que outros, muitos, conhecedores do seu grande credo de apóstolo, chamavam santo!... Vi-o por vezes, sem que se apercebesse da minha observação, podendo sempre constatar que aquelle homem estranho era a semente genuína e salutar do Amor, o generoso representante da Bondade, o reflectido amigo das crianças, o respeitador sincero dos velhos.

Ah! Um dia, espreitando-o, que pelas suas faces bronzeadas de europeu normal deslavavam duas grossas e sentidissimas lágrimas. Não estranhei o facto cuja explicação encontrei sem de mora: é que na sua frente, perto do coração bonissimo que albergava dentro do peito, passara, na quella manhã gelada de Dezembro, uma criança descalça e róta, cujos póstos de inocente e mártir estavam cobertos daquelle orvalho arripiante consequente das mortíferas geadas alentejanas.

Aquelle homem! Vendo passa junto de si a criança mártir, filha da miséria, teve repentes de cólera sagrada contra o existente, que considerava infame, e verteu lágrimas benditas, filhas do coração dum justo, que eram o sinal evidente da sua grande comção perante os dramas humanos, filhos do erro e do crime.

Aquelle aстранha criatura, ostranha pelo affecto ilimitado que votava a todas as coisas, desmentia praticamente, por constantes actos humanos, a classificação com que alguns ventrados burgueses o mimoseavam. Um dia, em certo local concorrido, viria perto de si, estendido em maca lúgubre, macilento e esquelético, um desgraçado como há tantos. Aproximou-se e conheceu o doente. Era um soldado bronco que um dia, no amplo corredor do quartel militar da cidade, quando ia preso entre baionetas, acusado de perigosos à sociedade, o apóstrofará violentamente, pedindo, por ignorância, em côro com outros colegas estupidificados pelas immoralidades da caserna, a sua morte imediata.

O apóstolo, como era seu costume, reflectiu. E a reflexão construiu este pensamento sublime: «Não. Não o inírimo em absoluto. A sua indigna attitude contra mim tem causa na sua lamentável ignorância. O castigo não elimina a ignorância. A ignorância combate-se espalhando a jorros no seu local sinistro, claros de Luz e de Bondade!» E, em silencio, de modo que só ele e o beneficiado o soubesse, entregou-lhe certa quantia, que disse ser uma ajuda para a sua cura. O doente aceitou, estremeando de vergonha, e o bandido dirigiu-se a outros locais a

A PENA DE MORTE É UMA QUESTÃO NACIONAL:

Interessa a todos os que respeitam a vida humana

Interessa particularmente ao operariado

O sr. Cunha Leal persistirá em apresentar o infame projecto à sanção da Câmara, mas o povo saberá impor a sua vontade

A pena de morte, agitada pelo sr. Cunha Leal, aos olhos do povo é uma questão nacional. Interessa a todos. A vida humana está em perigo; todos os que a amam e a desejam sempre mais bela e mais pura devem estar preparados para defendê-la com energia.

Haverá alguém, em cujo peito bata um coração leal, que possa admitir serenamente a ideia horrível da pena de morte?

Do norte ao sul do país não pode haver ninguém indiferente a uma questão desta natureza. E' natural que os ricos e os poderosos pouco se importem com o restabelecimento duma odiosa pena que nunca lhes será aplicada, visto que o dinheiro até compra a justiça. Os pobres, porém, aquelles sobre quem o rigor da lei cai com toda a força esmagadora do seu peso brutal, esses saberão responder à pretensão do sr. Cunha Leal com energia e veemência.

O povo tem-se interessado enormemente por esta questão que é de justiça. O povo interessa-se sempre que a liberdade e a vida perigam. Só não se tem interessado, por enquanto os grandes que mantem uma attitude de reserva que chega a ser immoral.

A imprensa burguesa tem mantido um silencio aviltante e tal respeito. Os poucos jornais que ao assunto se tem referido, não tiveram uma palavra veemente de sentida revolta, um gesto dignificante que atestasse a existência duma alma nobre revoltada contra uma injustiça suprema. Parece que a pena de morte é um banal incidente de rua que não merece mais que três linhas a registar. Apenas A BATALHA — o que bastante nos honra — tem sabido traduzir o sentimento de repulsa que povo alimenta contra tal iniciativa. A BATALHA sabe que esta questão não está affecta apenas a um partido, seja ou grupo. E' uma questão de consciência. Quem tiver uma consciência séria clamará bem alto o seu protesto contra o mal vil de todos os atentados, contra o atentado que pretende perpetrar-se contra a vida humana.

Um menino bonito que escreve prosa mansa nos jornais, um menino que fala muito em mulheres, amor, lutas e Garrett, nos segredos morais que dirige a toda a gente, defendeu ontem na Capital, duma maneira velada e hipocrita — a sua maneira — o restabelecimento da pena de morte. E' ri do caso, como se o caso fosse para rir. Gostariamos de vê-lo rir, se amanhã a pena de morte se estendesse aos que douram assuntos fúteis e discretamente morais com a sua prosa de invertidos; gostaríamos de vê-lo rir... Só abortos literários, como o que acabamos de fustigar, consciências corrompidas, almas de podridão admitem a pena de morte. Porém, os que tem da vida uma concepção superior, os que amam a beleza e o bem, esses sentem-se não possuídos de nobre repugnância, ante o mais torpe de todos os crimes — o crime da pena de morte.

O povo é essencialmente bom — e o povo está indignado. E' ouvido, é escutado os seus comentários contra a infeliz ideia do sr. Cunha Leal.

Pois os jornais não se fazem eco dessa mirável indignação, os jornais clamam: Os jornais que dizem representar a opinião pública!

A BATALHA, há dias, quis dar a entender aos seus leitores que A BATALHA mentia ao povo quando agitava a questão da pena de morte. Ela — é claro — era contra pena de morte, mas, não se assustasse A BATALHA, que o caso não era para custos.

Ao se a declaração feita pelo sr. Cunha Leal, perguntamos a BATALHA se tinham ou não razão. Perguntamos ainda a esse jornal — que reprova a pena de morte — porque não exteriorisou, duma forma bem patente, a sua indignação contra a attitude vergonhosa do sr. Cunha Leal.

Enfim, o silencio dos jornais revela bem a baixa de carácter dos dominantes da politica e da finança que neles influem. Não importa, esse silencio. A BATALHA soube roupe-lo com nobreza; o povo, por sua vez, saberá apontar ao sr. Cunha Leal, o erro em que pretende cair.

Maquinistas fluviais

Na reunião dos maquinistas fluviais em greve, ontem electuária, foi aprovada por unanimidade uma moção de protesto contra a ideia do restabelecimento da pena de morte em Portugal.

Secção dos pedreiros da Construção Civil

A secção profissional dos pedreiros da Construção Civil também protestou contra a pena de morte.

Secção dos pintores da Construção Civil

A secção profissional dos pintores da Construção Civil, na sua reunião de ontem, aprovou o seu protesto contra a pena de morte.

Operários encadernadores e anexos

Na sua reunião de ontem os operários encadernadores e anexos aprovaram por unanimidade uma moção com as seguintes conclusões:

- 1.º Não consentir por todas as formas ao seu alcance que semelhante ultraje a todas as consciências bem formadas seja um facto, só próprio de jesuitas.
- 2.º Declinar na pessoa d'esse politico de balcão a responsabilidade do que possa succeder.
- 3.º Lavar desde já o seu protesto publicamente.

espalhar os tesouros do seu grandioso affecto por todos os desgraçados.

Gonçalves CORREIA

(Escreito em uma manhã encantadora de aveludado sol de inverno, em pleno Alentejo, entre Garvão e Ourique, sobre o joelho.)

SUBSISTENCIAS

Cebola

Informa-nos do Commissariado Geral dos Abastecimentos que ao contrário do que se tem propagado não foi autorizada a exportação de cebola, conforme muita gente calcula e se tem

Mocidade trabalhadora do Beato e Olivais

Reúnia espontaneamente a mocidade trabalhadora e revolucionária do Beato e Olivais, para protestar contra o já conhecido e famigerado projecto da pena de morte, tendo feito uso da palavra

avários camaradas, sendo no final aprovada por unanimidade a seguinte moção:

«A mocidade trabalhadora revolucionária do Beato e Olivais resolve:

- 1.º — Manter-se vigilante e activa perante todas as prepotências governamentais;
- 2.º — Protestar energicamente contra a aprovação do decreto que pretende estabelecer a pena de morte, indo até onde for preciso para obstar a que tal succeda».

Protestos individuais

Duma carta do nosso camarada Joaquim Correia de Barros, ferroviário do Sul e Sueste, que nos escreveu felicitando A BATALHA pelo seu aniversário, recordamos o seguinte período que revela um estado de espirito em que muita gente se encontra:

«Revoltado neste momento contra a instituição da pena de morte em Portugal, declaro que o affecto e a simpatia que senti por esse homem que se chama Cunha Leal, pelo gesto nobre e altivo praticado em defesa da vida hu-

mana na noite de 10 de Outubro, transformou em odio e desprezo».

Centro Comunista de Lisboa

NOTA OFFICIAL

A comissão administrativa, na sua reunião de ontem, apreciou o propósito em que se encontra um parlamentar republicano e dos mais «avanzados» de propor ao parlamento o estabelecimento da pena de morte em Portugal.

Este organismo vê neste gesto a satisfação de velhas aspirações da reacção clerical e burguesa de liquidar assim todos os elementos liberais, que acompanhando o progresso dos mais humanitários principios de liberdade, em nome dos mesmos tem obstado às tragédias tentativas esboçadas pela casta dominante no sentido de voltarmos ao passado.

Constatando que o jornal A BATALHA brilhantemente deu o sinal de alarme, rompendo fôco contra tam monstruosas ideias, solidariza-se este Centro e saúda o mesmo jornal, iniciando ao mesmo tempo todo o povo liberal a cerrar fileiras para no momento próprio agir por todas as formas ao seu alcance no sentido de inutilizar semelhante propósito.

«Simultaneamente este organismo faz o aviso solene, que jamais deixará de estar a postos, enquanto o perigo de tal barbaridade não desaparecer por completo.

*** MÚSICA ***

Homenagem a David de Sousa

«Fé, completissimo e organizado de forma a satisfazer os mais exigentes o programa do concerto que amanhã se effectua no Politeama, pela Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a regência eximia de Fernandes Fão.

O produto revertido em favor da mãe de David de Sousa, o saudoso maestro em homenagem ao qual se realiza.

Deverão executar-se a «Enfantes», de Weber; o «Momento Musical», de Schubert; o «Peer Gynt», de Grieg; a «6.ª Sinfonia» (Patética), de Tschakowsky; a «Rout de Omphale», de Saint-Saëns; a «Aria» em ré, de Bach e a «Rapsódia slava», de David de Sousa.

"A BATALHA" EM OLHÃO

Como os "melos", vivem, como eles trabalham e como se divertem

Notas de reportagem do nosso enviado especial

UMA ENTREVISTA

Sobre o magno problema da instrução

Olhão tem direito a exigir a abertura de mais escolas de ensino primário, e absoluta necessidade da criação de uma escola industrial

O director da escola primária oficial é o sr. Manuel António Justino, e logo de princípio procuramos o sr. Justino. Mas o director escolar não é astro facilmente visível, a não ser de dia, a horas de aula, através as janelas da antiga escola do prior, por onde de há anos se estende aquela onda enorme de cabeças volúveis de garotos.

Passamos uma vez em que não há crianças.

O sr. Justino? indagamos do confínio que se apança a anunciar-nos sem

Sim, e encontro muitas vantagens nesse sistema de ensino, vantagens de carácter moral e social. Mas há falta de professores... e de professoras. Era preciso que nós tivéssemos aqui professoras para mais de perto se ocuparem da instrução das meninas, principalmente. Nós, homens, compreendemos bem que não podemos pôr-nos a ensinar as meninas, por exemplo...

Nas 4.ª e 5.ª classes o número de alunos é muito menor do que nas primeiras classes. Sabe que a maior parte dos alunos são filhos de gente pobre

As impressões hoje publicadas nesta página de A Batalha exclusivamente dedicada à vila de Olhão, foram colhidas, numa visita de algumas semanas, por um nosso repórter, natural daquela vila, e especialmente enviado com aquele fim.

Não são, os comentários, as pequenas notas desta página, simples reportagem dum jornalista extranho aos interesses e à vida de Olhão. O nosso redactor não é, neste caso, o repórter que se limita a tomar apontamentos do que vê e do que ouve. Ligado, pela sua infância, pela sua família, por laços afectivos indelétricos, por saudosas recordações de amizade, àquele povo, as notas, os instantâneos que aí vão, são retalhos da vida de Olhão, vividos e sentidos como um indígena sabe sentir e viver.

Poderão parecer ásperos, rudes, por vezes, esses comentários. A ninguém mais do que ao seu redactor eles pesam. Mas são exactos, cheios da verdade que ele pressa acima de tudo, e que acima de tudo põe, não com o mero fim de censurar, de criticar, mas com o mais alto intuito de contribuir para que a população grande e laboriosa de Olhão enverede por um caminho melhor, se desenvolver, se aperfeiçoe materialmente e espiritualmente.

O povo de Olhão dorme adormido num torpe e avassalador individualismo, coberto de infectuosas montureiras, fechadas as janelas do espirito ao ambiente purificador da Verdade e da Beleza. A vila dispõe, como poucas no país, de condições naturais que lhe permitem uma vida modelar. Rica pelo seu solo, duma fertilidade exuberante, pela fonte inextinguível da sua pesca, pela beleza do seu clima, pela alegria do seu sol, que excelentes factores de vida e de progresso!

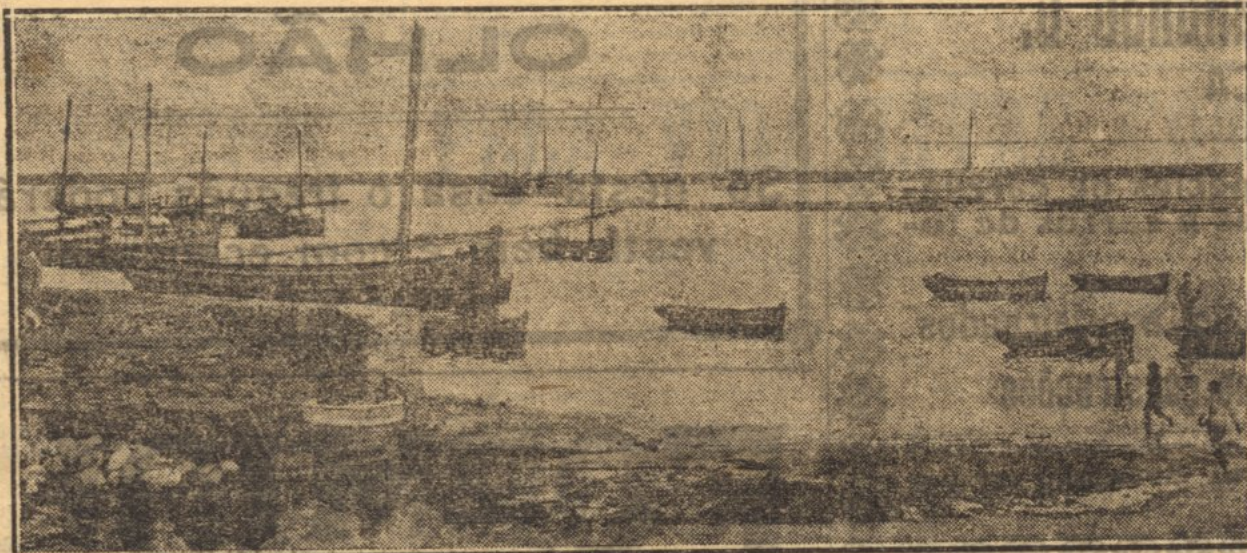
Mas em Olhão nada progride, nada se desenvolve, senão um egoísmo cada vez mais arreigado e cada vez mais perverso.

Aumentou industrialmente durante a guerra. Desenvolveram-se as indústrias da pesca e de conservas. Mas desse desenvolvimento resultou simplesmente o enriquecimento de meia dúzia de atriçados, à custa do povo, cada vez mais miserável, quer sob o ponto de vista material, quer, principalmente, sob o ponto de vista espiritual.

O dinheiro é o grande objectivo, o grande Deus; e na ansia de o adquirir todos procuram atirar-se ao seu semelhante, desprezando tudo, não olhando a meios, não pensando um momento no interesse colectivo. Nesta luta caem uns na lama podre, para outros subirem, chafurdando nessa mesma lama, às alturas do deus dinheiro.

Homens ontem iguais em fortuna e em inteligência, estão hoje armados uns em senhores outros em verdadeiros escravos, uns cheios de ouro e outros cobertos da maior miséria material, porque a miséria moral a todos envolve desgraçadamente.

O comércio e a indústria atingiram as proporções de mania. As lojinhas são umas pegadas às outras. Toda a gente negocia, e já quasi há mais quem venda do que quem compre. Quem não pode montar uma fábrica, põe uma mercearia ou uma pequena taberna, se não entra como sócio «sem vin-



Um trecho do porto

tém). O caixeiro só pensa em ser patrão, ter «uma lojinha». E, logo que consegue abrir a porta com dois tarécos e uma pipa de vinho comprada a crédito, já não é povo. Povo são aqueles que lá vão beber.

As tabernas! E o que teríamos que dizer se falássemos delas! As tabernas são às centenas. Nunca vimos tantas tabernas em parte alguma, nem tam frequentadas.

Se ligarmos a influência deletéria da taberna à constante pressão exercida pela igreja, compreendemos o desastrado estado moral do povo, estado agravado ainda com a miséria material, e com a cegueira do seu nome, o título de «Melos» por que ainda hoje são conhecidos em toda a província.

Prostituição em que uma população enorme de novos se afunda, sem uma barreira, sem um protesto. Novos em idade; pobres velhos de espírito, sem ideal, sem fé, sem vida.

Pobres novos decrépitos para quem a existência não tem nada de mais alentado, de mais nobre, do que o baile e o jogo da bola. Pobre mocidade sem aspirações e sem intelecto, para quem o mundo foi feito assim como está, e para quem assim foram feitas, sujas e porcas, as ruas de Olhão.

Um pouco de história

Olhão é uma das localidades de mais recente fundação do país. As suas casinhas brancas de hoje, com o típico correr de «soteiras» de linhas regulares, dispostas em paralelepípedos, eram, ainda nos fins do século XVII, umas simples cabanas de junco, construídas por pobres pescadores que ali se abrigavam em tempos de tempestade.

Olhão possui uma costa tão rica de pesca que, um século depois, as suas cabanas se transformaram em habitações fixas, nessas casinhas brancas dum característico árabe, que foram o modelo, a escola, das edificações de hoje, e mais de um milhão de lares se haviam fundado no pitoresco povoado. Famílias de pobres pescadores ali encontraram o seu «Brasil», porque verdadeiro Brasil tem sido as águas abundantes de pescaria que banham as suas costas.

No ano de 1700, quando já o povoado se transformava em aldeia, Simão da Gama, então bispo do Algarve, mandava levantar o singelo templo de Nossa Senhora do Rosário, ao norte dos casinhotos.

O conchelo de Olhão, hoje sede dum grande comarca, deixou então de ser a pequena aldeia da freguesia de S. Sebastião de Quilques que hoje, por mercê troca, faz parte do seu município. A Vila Nova de Olhão aumentava dia a dia, e tornava-se célebre, por volta de 1808, quando das guerras contra Junot, general invasor de Napoleão.

Em Junho daquele ano a Vila Nova recebia o pomposo título de Olhão da Restauração. E que começaram ali, na ignorada aldeia de denodados e bravos marinheiros, as revoltas contra a opressão estrangeira. Foi então que o povoado encheu com o seu nome o país inteiro, admirado da temeridade dos cinco pescadores olhanenses que, deixando os seus lares pobres, partiram em frágeis barquinhos a dar a João VI a primeira notícia que o rei recebeu no Brasil da revolta contra Junot. Ainda hoje há em Olhão vestígios deste feito, e fortunas acumuladas sobre a generosidade daquele medroso imbecil.

D. Francisco de Melo da Cunha Mendonça e Menezes, condecorado com o título de Marquês de Olhão em 21 de Dezembro de 1808, foi eleito governador da vila, e aos seus habitantes deixou, do seu nome, o título de «Melos» por que ainda hoje são conhecidos em toda a província.

Os «Melos» mantiveram a sua fama de intrépidos com as suas arrojadas viagens em barcos de vela por toda a costa africana, primeiro ao norte, depois por todo o poente e até ao sul, aos cabos tormentosos de Gama e Bartolomeu Dias. Arrojado e intrépido são as suas pescas, em bafes primitivos, nas noites sinistras de temporal, a 60 milhas da terra.

Viveram relativamente felizes e alegres os pescadores de Olhão, almas doces de poetas, a mór parte deles, feitas no silêncio nostálgico do oceano. Felizes viveram, na sua humilde abastança, cercados do prodígio mar e de férteis campos.

Dessa abastança que eles deixaram aos filhos, em ouro e em casinhas, resultou a miséria de Olhão actual.

A fecondidade cada vez maior da sua costa deixa-os morrer de fome hoje no século do progresso, dando-lhes o peixe que outros comem, e merced de qual outros enriquecem, sem experimentarem o furor da tempestade naquelas noites trágicas de vendaval e de morte.

O padre Delgado, há poucos anos aqui, é já, mercê da sua incansável propaganda e habilidade, o pastor das des-caminhadas almas. Ele tem feito ver o quasi morto sentimento religioso deste povo. Ele abriu a igreja paroquial, já abandonada, esquecida, e deu-lhe vida com as suas missas, as suas festas, os seus sermões. O fanatismo desta gente, fraca de espírito, é estimulado, puchado, desenvolvido, aumentando assustadoramente.

As procissões andam por essas ruas, e ele à frente, o padre, inchado, orgulhoso da sua obra e cheio de si mesmo. E o povo descobre-se, ajoelha, venera. E o cortejo segue, magestoso, cadenciado, fechado pela banda marcial, a banda regimental — meus senhores!

A vida em Olhão está insuportável. O peixe, principal alimento da população, está caríssimo, mercê das traquibéricas combinações dos industriais da pesca. O pão custa dez tostões cada quilo, e os restantes géneros alimentícios na mesma proporção.

No entanto, os salários não ultrapassam, em média, a insignificância de quatro escudos por dia de trabalho.

QUESTÃO ETERNA

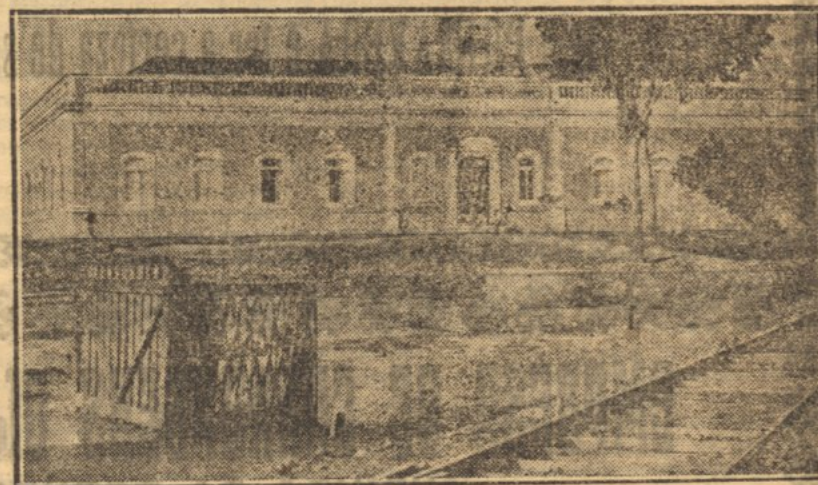
A mecânica na indústria de conservas

Como os industriais pretendem fazer a sua introdução lançando na miséria, propositadamente, mais de três centenas de operários

A classe dos soldadores de novo anda em litígio com os industriais de conservas. A questão é velha e tem tido já, desde algum tempo, sérias consequências. Agora, porém, ela avolumou-se, tomando um grau tal de gravidade que da sua solução depende a vida ou a morte daquela classe.

Terra onde todas as infâmias se cometem à sombra da passividade do povo, Olhão tem sido teatro das mais descaradas farsas e das mais nojentas ignomínias. Esta, que ora traz ocupada a classe dos soldadores, é verdadeira-

mente, não fez assim. Admitiu em larga escala o aprendizado. E é agora, quando a indústria atravessa uma crise enorme, da qual, como temos dito, são os próprios industriais os responsáveis, é agora que eles dizem ao pessoal, profissionalizado expressamente para lhes proporcionar o aproveitamento daquele período de lucros fabulosos, que se arranjar como puder, porque não tem que lhes dar que fazer, porque vão instalar as máquinas em seu lugar! E, o ignomínias. Esta, que ora traz ocupada a classe dos soldadores, é verdadeira-



O hospital

mente revoltante, verdadeiramente nojenta.

Trata-se da introdução de máquinas de soldar, ou melhor, trata-se de pôr à margem a maior parte daqueles operários de Olhão contava, supunhamos, 150 operários.

Desenvolveu-se a indústria, aumentaram as fábricas, abriu-se a porta ao aprendizado e a classe dos soldadores passou a ter 600 operários.

Agora a indústria decaiu; não há trabalho para estes 600 homens, nem para metade. Pois é precisamente neste momento de crise que os industriais vão pôr as máquinas a funcionar para que não só fique sem trabalho a metade da classe condenada pela crise, mas para que ela seja lançada na miséria, na sua quasi totalidade.

Encher latas de sardinhas foi negócio de lucros bastos naqueles anos de esmoeda carnificina. Daí uma louca cegueira na abertura de fábricas, sem atender às futuras possibilidades da produção e do consumo, nem à futura situação duma classe cujo crescimento se fomentava com a admissão ilimitada do aprendizado.

Tratava-se de fazer dinheiro, e não importava saber como. Só o presente se via e desprezava-se criminosamente o futuro.

Tressuando patriotismo por todos os poros, a indústria de conservas cometeu crimes de lesa-pátria e de lesa-humanidade, indispôs os mercados consumidores contra a fraudulenta falsificação dos produtos portugueses e contribuindo para o insustentável aumento duma população operária já até ali miserável, e condenada agora a morrer de fome.

Não teve a indústria de conservas tempo nem iniciativa para suprir, com o emprego das máquinas, durante o período da guerra, o excesso anormal do consumo desse período. Teria assim, se assim tivesse procedido, feito face às necessidades de produção e simultaneamente, resolvido o problema da instalação de máquinas, sem acorrestar uma multidão de operários a uma situação de todo o ponto insustentável, como

De um marítimo:

— Eles roubam-nos, eles escolhem os que preferem, eles despedem os que não lhes convêm, eles faltam aos contratos, rescindindo-os em pleno mar. Fazem isto aqueles que já foram com eles. Eu, sou velho. Olhe, Fulano, Beltrano, Cícero, andaram na mesma lancha, no mesmo buque, comigo. Sábios, não me conhecem. Não sei como eles arranjaram isto. Eu sou mais pobre do que então. E tenho trabalhado, homem! Tenho trabalhado!

De outro marítimo:

— Olhe: eu cá sou cego. «A gente» somos cegos, mudos e surdos. Eles dividem as partes com quem quer. Eu não sei ler, não vejo, p'ra mim está tudo bem. E se não está bem é o mesmo: sou mudo, não me deixam falar. Eles roubam-me, mas eu não vejo, não posso falar e finjo que não ouço...

Os «eles» são os armadores.

O Faxeira levou o dinheiro da Associação Marítima. Fugiu para Marrocos. Levou um conto e seiscentos. A Associação foi-se abaixo. Não é só o dinheiro que falta, é o Faxeira que desapareceu. Pôse o dinheiro mas ficasse o Faxeira. Os marítimos não vivem sem o Faxeira. E ainda agora, depois dele fugir com o dinheiro, os marítimos querem um Faxeira para os organizar. «Mas porque não se organizam os marítimos mesmo sem Faxeira?» Parece que os marítimos vão, realmente, organizar-se de mãos dadas com a União de Sindicatos.

Em casa da mulher de Faxeira apareceu um destes dias uma comissão em busca dos documentos e livros da Associação Marítima.

Parece que quem tem o estandarte é o «Zé Zuca».

As ruas de Olhão

Vêr na quarta página anúncios de casas comereiais de Olhão.

Chamamos a atenção do director da escola primária oficial para a situação do continuo da mesma escola.

Este funcionário, que tem os mesmos vencimentos que tinha quando estava a seu cargo apenas a limpeza da escola do sexo masculino, tem agora o dobro do serviço, parte do qual é impróprio para ser executado por um homem, como o de atender as meninas...

Não deve o sr. director esquecer as justas pretensões deste empregado que muitas vezes vimos, já noite encara, procedendo à limpeza da escola.

Muito poucos, pouquíssimos, são professores para leccionar mais de quinhentas crianças, mas um continuo só, para uma escola de sete professores, também nos parece ser pouco para as necessárias condições de saúde de se manterem.

Dificuldades de paginação forçaram-nos a deixar para amanhã um excelente artigo, intitulado:

